

MODOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A): CONFLITOS E RESISTÊNCIAS

Josciene de Jesus Lima – Universidade São Francisco/bolsista da CAPES
joli.lima@gmail.com

RESUMO: A desvalorização social e econômica da profissão docente, bem como, a “crise de identidade” do professor têm sido objetos de discussão e de estudos. Assim, optamos por pesquisar a questão da identificação do(a) professor(a) com a profissão docente, como temática de tese de doutoramento. Considerando a identidade do(a) professor(a) como construção histórica e cultural, optamos por utilizar o termo modos de identificação em vez de usar o termo identidade. O recorte do corpus, composto por observação e entrevistas semi-estruturadas com duas professoras de uma escola pública da Bahia. Questionamos como os(as) professores(as) constroem suas identificações no contexto das transformações sociais, econômicas e culturais, produzindo e deixando-se produzir sentidos sobre o(a) professor(a) e sobre a profissão docente. Partimos do pressuposto de que a(s) identidade(s) dos(as) professores(as) encontra(m)-se deslocada(s) ou descentrada(s), que a identidade é construída, também, pelo inconsciente por um eu a partir do outro (CORACINI, 2003) e que as identidades são revogáveis e negociáveis (BAUMAN, 2005). Tomamos por objetivo geral, levantar os efeitos de sentido que apontam para os modos de identificação dos(as) professores(as), com a profissão docente, levantando, nas falas das professoras, como tais modos se materializam linguisticamente. Dentre os referenciais teóricos selecionados, destacamos que a pesquisa está fundamentada nos postulados de Michel Foucault (relações de poder-saber), Michel Pêcheux (Análise do discurso), Eni Orlandi (Análise do Discurso), Stuart Hall (Identidade) e Maria José Coracini (Análise do discurso e Identidade). Dentre os efeitos de sentido levantados, apontamos que: as professoras entrevistadas revelaram estar na profissão indesejada; consideram a profissão docente como importante mas, ao mesmo tempo, desvalorizada e humilhante; consideram o professor um sujeito responsável, embora cansado, impotente e doente; O estar na profissão torna-se um castigo; o estar na profissão se configura em falta de opção ou impossibilidade de desistência. A análise do corpus discursivo sugere a existência de dizeres contraditórios sobre a profissão docente, oscilando entre aspectos negativos e positivos, a emergência de um sujeito-professor com uma imagem positiva de si, como profissional, embora demonstrem baixa auto-estima em relação à profissão docente. As conclusões parciais apontam para um modo de identificação das professoras com a profissão docente, transitando, principalmente, pelo viés negativo. Percebemos uma identificação construída no percurso de vida e, particularmente, na relação com o outro: professor, aluno, pais, gestores, memórias da infância, dentre outros.

PALAVRAS- CHAVE: Modos de identificação. Relações de poder. Profissão docente.

Introdução

Como objetivo da investigação procuramos compreender os modos de identificação dos(as) professores(as) junto à profissão docente. Para estruturarmos este artigo fizemos um recorte do *corpus* discursivo que consta de entrevista semi-estruturada com duas professoras da educação básica, no contexto de uma escola pública, localizada em uma cidade do interior da Bahia/Brasil. Este artigo se insere na linha teórica da Análise do Discurso, abordando a temática identidade do professor.

Optamos, na pesquisa, por fazer uso da expressão modos de identificação para nos referirmos à identidade do(a) professor(a), pelo fato de pensarmos na identidade como algo móvel. Ao fazermos uso do termo identidade, estaremos fazendo referência aos autores que discutem essa temática.

Consideramos oportuno refletir sobre como os(as) professores(as) se identificam com uma profissão docente, marcada por conflitos e por resistência. Nesse sentido, a realização de estudos que busquem compreender melhor a vinculação dos processos de trabalho aos problemas enfrentados pelos(as) professores(as) torna-se importante no sentido de compreender e refletir sobre os sentidos e significados da profissão docente para os(as) professores(as) e para a sociedade, em um momento em que se considera a existência de uma crise de identidade do professor.

Reconhecemos a identidade como uma construção cultural (HALL, 2006), formada pelo inconsciente por um eu a partir do outro (CORACINI, 2003), podendo ser revogáveis e negociáveis (BAUMAN, 2005). No contexto contemporâneo acreditamos que a(s) identidade(s) dos(as) professores(as) encontra(m)-se deslocada(s). Partimos da hipótese de que as mudanças nos campos social, político e econômico têm impactado a educação e desencadeado novas subjetividades nos(as) professores(as) e na sociedade, criando novos conceitos e (pré)conceitos a respeito do trabalho docente. Outrossim, destacamos que se trata de um processo histórico e que a

Nos discursos analisados, percebemos destaque da ordem da negatividade da profissão docente. A identificação do professor, assim como da profissão docente por parte das professoras entrevistadas se dá pela negatividade e da negação. Em nossa interpretação, percebemos o dizer contraditório nas falas professoras.

1. Profissão docente: lutas e embates

Considerando o trabalho como atividade essencialmente humana e representando um valor que está ou poderia estar diretamente ligado à satisfação pessoal, os(as) professores(as) precisam colocá-lo no campo das atividades que o satisfazem na condição de sujeito social. Segundo Basso (1998, p. 4), o trabalho docente “constitui-se de um conjunto de ações, e a necessidade objetiva ou o motivo pelo qual o indivíduo age não coincide com o fim ou o resultado imediato de cada uma das ações constitutivas da atividade”.

Discutir o trabalho docente implica analisar desde a formação até as condições de trabalho do professor, envolvendo participação, autonomia e valorização do profissional. A profissão docente, no Brasil, foi construída, histórica e socialmente, na perspectiva de uma vocação, um dom pessoal, a uma missão que deveria se sobrepor à questão financeira. A instituição escola e o processo ensino-aprendizagem são construções histórica, social, econômica e política, influenciados por modelos de gestão, os quais são influenciados por interesses decorrentes do sistema de produção que rege a sociedade nacional e mundial, a

partir de ideologias que circulam e procuram se estabelecer como verdades e, conseqüentemente, como possíveis soluções, nos diferentes contextos.

Os(as) professores(as) têm enfrentado lutas e têm convivido com embates no contexto da profissão docente. Percebe-se fragilidades no campo organizacional da profissão e isso reflete no modo destes profissionais se relacionarem com a profissão docente, assim como na formação de sentidos e de significados desta. Segundo Nóvoa:

A profissão tem um *déficit* grande de organização no interior das escolas. Enquanto que outras profissões conseguiram manter as duas camadas, uma mais macro, a exemplo das grandes ordens dos médicos, dos farmacêuticos ou engenheiros, [que] conseguiram manter um nível de debate político macro muito forte, mas isso não os impediu de terem modelos de organização nas instituições muito mais fortes do que os nossos [...](NÓVOA, 2007, p. 13).

Identificar diferentes sentidos e distintos significados na relação do(a) professor(a) consigo próprio e com a profissão, relacioná-los aos diferentes modos de identificação com a profissão docente torna-se relevante, no sentido de perceber a questão da construção da identidade do(a) professor(a), a qual se dá no campo da multiplicidade e isso se dá de acordo a heterogeneidade dos sujeitos professores. A fragilidade política que envolve a profissão docente possibilita discursos que ao mesmo tempo em que enaltece a profissão, desqualifica e desvaloriza a profissão e, conseqüentemente, estes profissionais, interferindo na forma de se ver como um profissional e de estar na profissão docente, nos campos social e pessoal.

Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que se exige mais do(a) professor(a) através da reestruturação do trabalho docente: acumulação e sobrecarga de trabalho, a exigência de qualificação profissional, a culpabilização do(a) professor(a) pelos fracos resultados dos alunos, fala-se da importância desse profissional para a formação do cidadão, para a educação de um povo. A cobrança por resultados, representada por distintas estratégias, caminha paralelo à desvalorização da profissão docente, exige-se do professor no contexto da desvalorização profissional – social e econômica.

Mudanças no campo da educação foram percebidas, principalmente, nos anos de 1990, reestruturando o trabalho docente no contexto contemporâneo, considerando a política econômica global. As estratégias utilizadas atuam no campo do convencimento, que na perspectiva foucaultiana, não se trata de imposição e sim de disposição e de utilização das leis como táticas. A imposição explícita geraria insatisfação de uma sociedade, como um todo, ao passo que dispendo as coisas, há uma estratégia de convencimento e de adesão de grande parte da sociedade, através do discurso apresentado de modo a tomá-lo como verdadeiro.

Percebe-se, então, uma imposição disfarçada que naturaliza as questões e obtêm-se adesão da sociedade e dos profissionais docentes. Não podemos esquecer que, de alguma forma, não há total consenso, no que se refere às determinações legais dedicadas à profissão docente, nem tudo é aceito pelos(as) professores(as), sem luta ou embate. Há distintos interesses em disputa, há sempre marcas de resistência (GRIGOLETTO, 2002) mesclando os discursos. Tal reestruturação veio reformular a composição, estrutura e gestão do ensino público o que exigiu e ainda exige adequações ao momento político e econômico, principalmente em países considerados menos desenvolvidos economicamente.

A escola se constitui em geradora de cultura e produtora de materialidades sobre as quais são atribuídos distintos significados por professores, alunos, gestores e pela sociedade.

Por outro lado, a escola também recebe influência da cultura externa, embora nem sempre de forma harmoniosa e tranquila essa composição se estabeleça.

O trabalho docente se submete a diferentes significados a depender do sujeito, de modo que o significado do trabalho docente mantém relação com ações do outro no contexto social. Diante do discurso vigente sobre/dos professores inferimos que “o significado de seu trabalho é formado pela finalidade da ação de ensinar isto é, pelo seu objetivo e pelo conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente pelo professor, considerando as condições reais e objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno” (BASSO, 1998, p. 3).

Quando o significado do trabalho do(a) professor(a) é questionado por ele próprio e pelo outro torna-se contraditório e cai em descrédito e vive-se dilemas e conflitos difíceis de serem resolvidos. Segundo Nóvoa (2007), a escola recebeu uma multiplicidade de funções incorporadas pelos professores, nos últimos tempos, dificultando o estabelecimento de prioridades. Ao contrário, essa intensificação tem desencadeado diferentes reações por parte dos professores, tais como: vontade de se afastar do ambiente escolar, desejo de aposentar-se, afastamento por problemas físicos e psicológicos, dentre outros.

Na contemporaneidade, os discursos que circulam na sociedade acerca da profissão docente e os sentidos que são construídos sobre esta, estão associados a discursos disseminados como verdades, sobre o professor: um sujeito pertencente a uma categoria sem *status* social, desvalorizado socialmente, que recebe um salário inferior e que não condiz com a gama de responsabilidade que lhe é imposto. Esse imaginário social e coletivo é uma construção histórica.

Nessa perspectiva, os sentidos vão ganhando significados e os modos de identificação do professor com a profissão docente são formados e transformados, considerando os diferentes contextos em que as políticas são construídas, implementadas e (re)interpretadas como regimes de verdade, elaboradas no contexto de lutas e embates.

2. Modo de identificação: conflitos e resistências

Os discursos resultantes das relações de poder-saber, processos e lutas constroem o conhecimento, sem se constituir em verdade absoluta. Como sujeito da linguagem e constituído pelo discurso, a identificação – que passa por deslocamentos - é percebida através do discurso construído historicamente na relação sociedade e ideologia. É importante destacar que as condições de produção determinam o que pode e deve ser dito, quem diz, para quem diz, como diz e aonde diz (ORLANDI, 1999). Isso nos leva a procurar significação no não-dito ou no dito de outra forma, além do que está por dizer.

As diferentes formas de dizer/não dizer e o silenciamento podem revelar resistências, observadas em ações e comportamentos uma vez que esta se constitui em uma expressão de poder (reclamar, controlar, por exemplo). Trata-se de visões alternativas, cada uma apresentando diferentes possibilidades, embora o poder dominante esteja sempre sujeito à resistência. Segundo Foucault (1979), poder e resistência são faces de uma mesma moeda, o que legitima a resistência como natural do discurso.

Considera-se que o poder circula por diferentes espaços, penetrando em todo lugar, através das relações. Entretanto, o poder não é vitalício em uma relação, uma vez que se movimenta nas relações de lutas e de força. Foucault (1995, p. XIV) afirma que:

Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência,

mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social (FOUCAULT, 1995, p. XIV).

Assim, a escola se constitui em espaço de poder. Um poder que circula nas relações entre gestores e gestores, gestores e professores, gestores e alunos, professores e professores, professores e alunos, alunos e alunos. Poder que também se expressa na relação gestores, professores e alunos com a sociedade e, conseqüentemente, com as políticas educacionais.

Diferentes discursos dos(as) e sobre professores(as) compõem o processo de identificação destes com a profissão docente. No leque de tais discursos repousa a cultura da escola como produtora de saberes e formadora de cidadãos, incluindo a formação dos(as) professores(as). Assim, os(as) professores(as) são constituídos, também, pela exterioridade ou situação onde pesa o título impregnado e produtor de significados, construídos historicamente e voltados para o momento atual, uma vez que a repetição e a renovação de enunciados que compõem os discursos produzem novos sujeitos professores.

Destacamos que a cultura faz parte de um jogo de poder, exercendo pressão sobre a geração e formação de saber e exercício do poder, de forma que somos moldados pela cultura e produzimos cultura, ao mesmo tempo. A cultura é concebida como centro do disciplinamento do eu e do outro, assumindo o viés regulador (HALL, 1997). É no meio social que as redes discursivas, produzidas de acordo com a cultura, são construídas e interpretadas a partir de sentidos instituídos. É a partir dessas redes tecidas nos contextos que os(as) professores(as) se formam, se transformam e formam o outro, em um processo de ação social, considerando-se que:

A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significados que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (HALL, 1997, p. 1).

Considerando esse movimento discursivo como uma rede porosa, salientamos que essa dinâmica envolve embates, resistências e conflitos. Os fios do discurso são tecidos e retorcidos nas falhas e nos nós, marcando, assim, as identificações ou identidade dos sujeitos professores, a partir das interpretações e instituição de sentidos sobre o complexo mundo cultural em que vivemos.

Hall (2006) afirma que o processo de identificação sobre o qual projetamos nossas identidades tornou-se mais provisório, variável e problemático, nos tempos atuais, considerados por alguns estudiosos como modernidade tardia ou pós-modernidade. Nessa perspectiva, Bauman (2005) afirma que as identidades são negociáveis e revogáveis, como processo de construção constante, tornando-se mais ambivalentes e líquidas, diante das alterações constantes, onde a novidade/o novo domina e predomina no meio social, particularmente, no espaço educativo.

É importante pensar que não apenas o que foi dito se constitui em uma forma de identificação do(a) professor(a) com a profissão docente e sim, conjuntamente, o que se esconde nas dobras do discurso. Convém lembrar que não se trata apenas de um discurso local que interfere nessa construção. A partir de intercâmbio cultural mundializado e disseminado facilmente surgem situações que resultam em adesões e/ou resistência ao outro e/ou a si próprio, alterando as relações e despontando diferenças que direcionam as diversidades, interferindo no pensar e no agir do(a) professor(a) e da sociedade.

A identidade é desestabilizada no outro e pelo outro, causando estranhamento decorrente da relação de alteridade. Tal instabilidade abala a relação do sujeito consigo

mesmo, considerando que na memória está registrada uma determinada universalidade, uma identidade fixa e isso leva o sujeito a não aceitar a inconclusão ou a incompletude (CORACINI, 2003). Considerando-a como processo, opta-se pelo uso do termo modos de identificação à identidade.

A imagem que identifica o sujeito é formada no e pelo olhar do(s) outro(s). Dessa forma, o(a) professor(a) é o que faz e fala sobre este(a) a partir do papel designado que esteja de acordo com a ideologia. Nesse sentido, Cavallari (2005, p. 10) menciona que “a imagem de si é sempre constituída por intermédio do outro/Outro, seu exterior: é no outro que o sujeito que é falado reencontra o seu *eu-ideal*, isto é, sua matriz identificatória”. Assim, o(a) professor(a) se vê, também, a partir da imagem que o outro tem/faz dele(a).

A partir dos variados sentidos produzidos por diferentes membros da comunidade escolar e da comunidade externa a esta, o(a) professor(a) vai traçando diferentes modos de se identificar com a profissão docente. Nesta perspectiva, consideramos que o sentido não é exato (ORLANDI, 2012) e, portanto, o discurso também escapa aos limites da interpretação e, como nos indica Hall (1997, p. 16): “Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido”. Dessa forma, o ser humano atribui diferentes significados ao mundo e às ações.

3. Os diferentes modos de identificação com a profissão docente: conflitos e resistências

Pesquisa norteadada pela análise do discurso, que tem por objeto de estudo o discurso, de natureza tridimensional - linguagem, história e ideologia (ORLANDI, 1996; PÊCHEUX, 1997).

Compõe o corpus (parcial) da pesquisa: discurso de duas professoras que atuam na Educação Básica, em uma escola pública no Brasil. Os sujeitos são identificados, aqui, por SP1 e SP2, enquanto os excertos são identificados por “E”.

Quando perguntamos aos sujeitos da pesquisa: Quem é o professor, na atualidade? As respostas sinalizam, também, que estes profissionais passam por momentos de angústias e conflitos, conforme as falas/excertos a seguir:

SP1, E1:

Quem é o professor hoje eu digo que é uma figura desgastada, cansada, doente, estressada. Os desafios dele é vencer tudo isso e entrar na sala e conseguir promover algum aprendizado no aluno que já vem de casa, coitado, sem esperança. [...] Eu acho que a carreira docente do professor, hoje, da rede pública ela é muito árdua, socialmente sem credibilidade [...].

SP2, E2:

Uma pessoa responsável.

A mesma pergunta, feita às duas professoras, para início da nossa análise, sugere sentidos diferenciados: enquanto SP1 revela conflitos do(a) professor(a), SP2 responde como se tivesse fazendo uma defesa à classe, respondendo de forma curta e direta, mencionando o termo “responsável”, como se quisesse confirmar algo que estivesse sendo questionado socialmente e politicamente.

SP1 caracteriza o professor como “uma figura desgastada, cansada, doente, estressada”, adjetivos que revelam negatividade ou males que retratam uma classe vitimada no exercício da profissão. Os predicativos atribuídos aos(as) professores(as) podem indicar

formas de resistência a uma profissão considerada desvalorizada por todos (sociedade), no dizer dos próprios professores, mas que, apesar dos conflitos, continuam atuando na profissão.

O discurso se constitui em uma maneira de demonstrar insatisfação com a profissão docente, revelando a realidade da classe “sofredora”. O discurso sinaliza para os sentidos e o grau de significação de uma profissão em crise. Sinaliza para uma imagem negativa de um grupo suscetível a males físicos e psicológicos. Nesse sentido, Pêcheux (1997) afirma que a análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.

SP1 se refere ao professor como “uma figura desgastada”, nos fazendo recorrer à Coracini (2002) para classificar a palavra – figura - como um termo metafórico ao considerarmos que: “a metáfora não se resume à palavra, assume seu valor no enunciado, no texto e/ou na situação pragmática do discurso ao qual pertence” (CORACINI, 2002). O termo está associado à imagem da professora sobre o professor e a profissão, como se fosse “alguém sem muito prestígio”. Trata-se de sentidos que se deslocam e geram outros (ORLANDI, 1999).

Por outro lado, a sobrecarga de trabalho do(a) professor(a) desdobra diferentes sentidos com relação à profissão docente, por parte do Estado, por alunos e seus pais, e pela sociedade e também pelo próprio professor. O deslocamento de sentidos desencadeia significados que influenciam na relação do professor com a profissão docente.

Ao ser questionada sobre a profissão docente, SP1 respondeu:

SP1, E3:

[...] há essa insatisfação [...]. Esse desmérito, essa descrença no professor porque rico nenhum, jamais deseja pra um filho dele ser um professor. Ele morreria de vergonha, diante de uma sociedade, no grupo dele, dizer que o filho dele é um professor. Ia dizer que passava fome sentia necessidade ou que não tinha conseguido vaga em outro curso de ponta e tinha se formado em professor.

No dizer desse sujeito percebe-se um grande mal-estar ligado à profissão docente, mais especificamente, em ser professor, principalmente da rede pública. Reflete a imagem da profissão docente como algo vergonhoso, com profissionais mal remunerados a ponto de associar a profissão à fome e à incompetência. A fala demonstra, também, um sentimento de inferioridade e revela que o professor é vítima de preconceito, ao mencionar “rico”, “fome” e “professor”.

É interessante que se analise esse dizer, considerando o contexto histórico, social e político em que se insere o sujeito. Percebe-se um distanciamento/afastamento do sujeito com os considerados ricos, ao usar a expressão “dele”. Demonstra, a nosso ver, o atravessamento do outro no seu dizer.

A insatisfação ou a parcial satisfação com a profissão foi confirmada quando perguntamos, diretamente, se a professoras estavam satisfeitas com a profissão docente. As materialidades “nem tanto” e “profissão errada”, contidas em E5. A docência não é objeto de desejo e sim algo que a aprisiona. Tem-se, nesse caso, a ilusão de que o que move o sujeito seria o desejo, a busca da completude, ou melhor, o sujeito rejeitando a incompletude. Percebe-se, na fenda do discurso, a noção da falta representada pela materialidade “não”. Isso se dá ao nível do inconsciente. Mas o sujeito da análise do discurso não é só o do inconsciente; é também, da ideologia, ambos revestidos pela linguagem e nela se materializam. Observemos o excerto 3, a seguir.

SP1, E4:

Com a profissão, nem tanto porque não é o que eu sonhei não é o que desejei [...] preço mais alto que a gente paga é estar na profissão errada [...] quando não dá mais tempo corrigir.

O significado da profissão docente, segundo interpretação da fala do sujeito SP1, está ligado ao sentido que foi e é construído no contexto histórico, social e político. Os discursos resultantes das relações de poder-saber, constroem o conhecimento, não tendo a pretensão em se constituírem em verdades absolutas. Como sujeito da linguagem e constituído pelo discurso, a identificação – que passa por deslocamentos - é percebida através do discurso construído historicamente na relação sociedade e ideologia (PECHÊUX, . É importante destacar que as condições de produção determinam o que pode e deve ser dito, quem diz, para quem diz, como diz e aonde diz (ORLANDI, 1999). Isso nos leva a procurar significação no não-dito ou no dito de outra forma, além do que está por dizer. Segundo essa autora, a interpretação sempre pode ser outra e a significação sempre será incompleta.

Considerando o contexto social e histórico em que estão inseridas as entrevistadas, levando-se em conta a idade das professoras e o tempo de serviço na docência, imputamos sentidos múltiplos no que se referem à permanência na profissão, podendo e certamente devem estar atrelados ao o que significa permanecer na profissão: garantia de direitos trabalhistas e previdenciários rumo à aposentadoria. Além disso, “para muitos, o objetivo na vida passou a ser a obtenção de um emprego formal e regulamentado e, de preferência, estável” (OLIVEIRA; DUARTE, 2005, p. 282) e, sendo assim, não faz sentido desperdiçar ou descartar essa conquista.

Sobre como as professoras entrevistadas acreditam que os alunos pensam a respeito do professor ou da profissão docente, eis os discursos:

SP1, E5:

[...] Eu acho que o aluno hoje ele não tem um pingão de hierarquia. Não tem uma hierarquia, não tem respeito dentro da sala de aula. Ele vê como mais um dentro da sala de aula, sem diferença.

SP2, E6:

Não vêem como boa coisa não. Eles não gostam quando a gente fala que um vai ser professor.

A fala das professoras, revela “um processo de desqualificação e desvalorização sofrido pelos professores” (OLIVEIRA, 2004, p. 1132) e absorvida pelo aluno, a ponto de não reconhecer o(a) professor(a) como uma autoridade na sala de aula. O uso da materialidade “hoje” coloca o passado no contexto atual e a nossa memória nos transporta a um passado em que o (a) professor(a), era visto(a) como exemplo, era respeitado, considerado uma autoridade, enquanto hoje professor(a) e aluno(a) hierarquicamente se encontram nivelados, na maioria das situações.

O(a) professor(a) convive com a dicotomia da falta e do excesso: a falta de hierarquia, falta de respeito e indisciplina, e, por outro lado, há o excesso de liberdade do aluno e indiferença e, em alguns casos, até repúdio ou hostilidade. Em outras palavras, o professor perdeu o prestígio, a confiança dos alunos e perdeu *status*. Acreditamos que a precarização do trabalho docente decorre de uma complexidade de fatores e essa precarização preconizada nos diferentes discursos, aliada ao contexto social e político, nacional e regional produzem sentidos em professores(as) e alunos. Pelo exposto, grande parte dos alunos não vê a escola como local de aprendizagem e não vê sentido na escola, o que resulta em atribuição

de significado diferente e diferenciado, em muitos casos, entre/para aluno/professor/pais/governo/sociedade.

Conclusão ou considerações finais

Identificamos, ao analisar os excertos anteriormente especificados, que os modos de identificação se revelam, principalmente, através de marcas, tais como: resistência ao abandono da profissão, por diversos motivos, multiplicação da carga horária de serviço; resistência ao desprestígio, fazendo circular discursos para fins de adesão; não recomendando a profissão docente para o outro; renegando a profissão docente; qualificando de forma negativa a profissão, dentre outras. São esses alguns modos de identificação com a profissão docente, apontada como desvalorizada e essencial para a formação do indivíduo/sociedade, em tempos de mudança constante, os quais são considerados líquidos e compatíveis com identidades negociadas, contraditórias e móveis.

A constituição da imagem da profissão docente torna-se algo desafiador. A imagem pública, assim como a imagem pessoal ou a auto-imagem, são formadas pelo atravessamento do outro e pela ideologia à qual se filia. O outro sobre o qual fazemos referência é o outro/eu, o outro(a)/professor, o outro/sociedade e o outro/política/Estado. A reputação do professor depende da imagem constituída socialmente. A imagem do(a) professor(a) é comumente usada para retratar e ilustrar a profissão docente.

A forma como cada sujeito conseguiu significar e produzir sentido em si, a partir do outro e para o outro se constituiu em modos de identificação com a profissão docente ou formulação da identidade pessoal, transitória e negociável. Os discursos analisados nos reportam ou indicam modos de identificação pelo aspecto da negação e da falta, ou, dizendo de outra forma, a identificação se dá via aspectos não desejados na relação professor(a) e profissão.

Atribuímos significado às nossas ações, a depender dos sentidos que atribuímos de/sobre algo e dos sentidos atribuídos pelo outro. Por outro lado, o significado também depende da relação do(a) professor(a) no contexto social, político e histórico e da movimentação de sentidos que poderá produzir novos significados, de forma que são apreendidos, socializados e resignificados.

Chamou a nossa atenção os conflitos, o sentimento de sofrimento, implícito e explícito nos discursos das entrevistadas. Tais conflitos tem definido e interferido na identificação do professor com a profissão docente e, juntamente com outras questões de cunho econômico e social tem influenciado na imagem que fazem do(a) professor(a) e da profissão docente.

Percebemos, também, que o(a) professor(a) faz uso do poder que possui no momento que resiste aos problemas sociais e pessoais e se mantém na profissão docente. Demonstra se identificar com a profissão, de uma forma “às avessas”, pelo que o aflige ou rejeita. É o grito de alerta, a forma de defesa e de luta, é resistência, assim interpretamos.

Referências

- BASSO, Itacy Salgado. Significado e sentido do trabalho docente. *Cad. CEDES*, v. 19, n. 44. (pp. 19-32). Retirado em 13 de janeiro, 1998. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100003&lng=en&nrm=iso>.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista à Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- CAVALLARI, J. S. O discurso avaliador do sujeito-professor na constituição da identidade do sujeito-aluno. **Tese de doutorado**, LA – UNICAMP/IEL, Campinas, Brasil, 2005.
- CORACINI, Maria José. A celebração do outro na constituição da identidade. **Revista Organon**, 2003, vol. 17, n. 35 (pp. 142-156). Retirado em 15 de junho, 2011. <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30024>.
- CORACINI, M. J.; BERTOLDO, E. S. (Org.). **O desejo da autoria e a contingência da prática**: Discurso sobre/na sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- CORACINI, M. J. R. F. (Org.) (2002) **O jogo discursivo na aula de leitura**: Língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes.
- GRIGOLETTO, Marisa (2002). **A resistência das palavras: Discurso e colonização britânica na Índia**. Campinas: Editora da Unicamp.
- HALL, Stuart (2006). **A identidade cultural na pós – modernidade/** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.
- HALL, S. A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, 1997, n. 23 (pp. 15-46). http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200013&script=sci_arttext
- NÓVOA. A. (2007). **Desafios do trabalho de professor no mundo contemporâneo**, pp 1-24. Palestra. INPRO-SP. Retirado em 12 de julho, 2012.<http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>.
- NÓVOA, A. Os Professores: Um “novo” objeto da investigação educacional? *In* A. Nóvoa (org.), **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, pp.14-30. 1992.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Revista Educação e Sociedade**, 2004, v. 25, n. 89, p. 1127-1144.
- OLIVEIRA, Dalila A. e DUARTE, Adriana. Política educacional como política social: uma nova regulação da pobreza. **Perspectiva**, Florianópolis, 2005, v. 23, n. 2. p.p 279-301.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1996.
- _____. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. (2012). “Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio” in **Sujeito, Sociedade, Sentidos**. Guilherme Carroza. Mirian dos Santos e Telma Domingues da Silva (orgs), pp. 39-46 Campinas: SP.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes Editora, 1990.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.